

O DISCURSO E AS SENSIBILIDADES

Carlos Piovezani

Comentário do Editor

Há mais relações entre as palavras, os poderes e as paixões, entre processos históricos, relações sociais e partilha material das sensibilidades do que parecem ter suposto nossos estudos do discurso. Essa é uma das afirmações fundamentais do professor Carlos Piovezani no editorial desta nossa edição da SARIDH. Com a originalidade que lhe é peculiar, conjugando sua especialidade em Análise do discurso e História das ideias linguísticas, articuladas ainda à História das sensibilidades, o professor Piovezani nos estimula a refletir sobre a presença e a atuação das emoções nos discursos e sobre a constituição discursiva de nossas percepções e sentimentos. As formas e os limites da dizibilidade, das memórias, das conservações, das validades, das reativações e das reapropriações do discurso são decisivos na constituição de nossas subjetividades.

14

Ao falar sobre a importância de se discutir o lugar das emoções na investigação das discursividades, o Professor Carlos Piovezani propõe realinhar a atenção às paixões, sensações e sentimentos no escopo de objetos e abordagens capazes de considerar a função das sensibilidades na constituição dos discursos. Ainda que se considere, à título de avanço, o recente tratamento das percepções sensoriais e das paixões sociais e subjetivas no campo discursivo, torna-se indispensável, segundo Piovezani, uma conversão mais assertiva e verticalizada do olhar de pesquisador para a dinamicidade e movências de enunciados que se materializam histórica e socialmente. Na esteira do pensamento foucaultiano, nosso convidado vem nos dizer que é preciso, então, entender que os enunciados fazem movimentar palavras, poderes e paixões, estabelecendo relações de força que fundamentam nossa subjetividade no mundo e que marcam, portanto, a forma como nós expressamos nossos desejos, os sentidos que partilhamos e aos quais também podemos resistir, nossas ações e também nossos sentimentos.

Carlos Piovezani é associado do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Foi coordenador do PPGL/UFSCar entre 2013 e 2016 e coordena atualmente o Laboratório de Estudos do Discurso e o Grupo de pesquisa Análise do discurso e História das ideias linguísticas. Membro do conselho editorial de vários periódicos especializados e da Editora da ABRALIN. Fez graduação em Letras na UFMS/Dourados, mestrado e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa na UNESP/Araraquara e estágio de doutorado na Universidade Sorbonne Nouvelle. Fez ainda pós-doutorado na EHESS/Paris e na Unicamp. Atua nas áreas de Análise do discurso e História das ideias linguísticas. Suas pesquisas tratam da história da fala pública, do discurso político e de discursos da mídia. Entre suas

publicações, se destacam as obras: *A voz do povo: uma longa história de discriminações (Vozes)*, *A linguagem fascista (Hedra)*, *O discurso e as emoções (Parábola)*, *História da fala pública (Vozes)*, *Discurso e (pós)verdade (Parábola)*, *Le discours et le texte: Saussure en héritage (L'Harmattan)*, *Legados de Michel Pêcheux (Contexto)*, *Presenças de Foucault na Análise do discurso (EdUFSCar)* e *Verbo, Corpo e Voz (Editora UNESP)*. Foi professor convidado na EHESS/Paris e professor visitante na Universidade de Buenos Aires (UBA).

Essas e outras obras do professor Carlos Piovezani tornaram-se leituras incontornáveis para uma melhor compreensão dos fenômenos dos discursos aos quais se dedica com reconhecida originalidade. Nesta edição da Revista Saridh, suas palavras nos dão ensejo à reflexão necessária e produtiva sobre as tantas e complexas relações entre o discurso e as sensibilidades para as quais, como dizíamos, a AD não se mostrou particularmente atenta durante muito tempo. Ao saudar aqui a presença do nosso convidado, lançamos o convite à leitura.

“(...) um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”¹... Eis aí um postulado formulado por Michel Foucault que servia muito bem a seu propósito de descrever a produção discursiva dos saberes, praticando a “crítica do documento”, ou seja, analisando a linguagem não na direção para a qual ela aponta, mas na dimensão histórica e social que lhe são constitutivas.

Conforme sabemos, sua afirmação buscava dar relevo justamente às condições históricas de emergência de discursos produzidos por disciplinas que, sem atingir os mais altos graus de epistemologização alcançados por algumas poucas ciências, tinham feito dos seres humanos um objeto privilegiado do conhecimento. Esse gesto de tornar o sujeito cognoscente também e ao mesmo tempo objeto cognoscível é constitutivo da construção moderna e contemporânea de nossas subjetividades. Foucault indica que as condições históricas de emergência da discursividade não deveriam ser confundidas com as regras formais da língua em que os enunciados são formulados nem tampouco deveriam ser reduzidas a essas regras, assim como não deveriam ser confundidas com os sentidos ora mais ora menos ocultos do que fora dito nem tampouco deveriam ser reduzidas a esses sentidos.

Se o princípio foucaultiano servia muito apropriadamente a seu propósito, pode também nos servir para expandirmos os nossos. O enunciado é materialização e unidade elementar do discurso, que efetivamente não se reduz à língua ou ao sentido. Mas seus

¹ Foucault, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 32.

componentes também não se limitam àquilo de que fala o discurso, às suas modalidades enunciativas, às suas relações com outros enunciados de um campo associado e a certos aspectos de sua materialidade. Muito frequentemente e por muito tempo, os estudos do discurso não se dedicaram às relações entre as palavras, os poderes e as paixões, que concentram em si forças e dinâmicas constitutivas de nossos pensamentos e de nossas ações, de nossos dizeres e de nossos desejos, de nossos sentidos e de nossos sentimentos. De modo análogo, as presenças e as performances, as identidades e os lugares de fala não foram objetos privilegiados da AD.

Não há nisso nenhum demérito. Todo campo do conhecimento precisa de critérios, focos e recortes para a constituição de seu objeto específico. Essa é uma condição necessária à sua emergência e consolidação. Estar ciente e cioso dessa necessidade não significa resignação ou comodidade com o que já fora conquistado num campo do conhecimento. Sem que nesta aposta resida alguma pretensão totalizante, como se à AD tudo coubesse, julgamos que a abordagem discursiva das emoções é pertinente e produtiva. Durante cerca de quatro décadas, foram inegáveis os avanços dos estudos discursivos. Mas não há dúvidas de que eles priorizaram a identificação das posições dos enunciadores, a descrição e interpretação de formas e recursos linguísticos dos enunciados e a apreensão de seus efeitos de sentido, em detrimento das relações entre os discursos, as sensações e os afetos.

Tratar das formas e dos limites da dizibilidade e de suas memórias, conservações, validades, reativações e reapropriações, mais ou menos modificadas, formadas e transformadas na história e na sociedade é tarefa imperativa para se discutir e compreender os modos pelos quais sentidos e sujeitos, verdades e condutas são constituídos. Essas formas e limites se estabelecem em condições históricas de emergência, nas quais ocorrem consensos e conflitos próprios de relações de força, de poder e de sentido. Mas não há consensos e conflitos isentos da partilha material e discursiva das sensibilidades.

O papel aí desempenhado pela discursividade não é absolutamente secundário. Como afirmamos em outro lugar: “O discurso move o mundo. Ele constitui o que pensamos e o que fazemos, o que falamos e o que sentimos. Isso porque o discurso controla o que se diz e as maneiras de dizer, produz os sentidos das coisas ditas e ainda suscita os sentimentos

partilhados por classes, grupos e sujeitos de uma sociedade”². A produção discursiva consiste em materialização privilegiada das ideologias e compreende elementos fundamentais da constituição dos laços entre saberes e poderes, por meio dos quais se dão as lutas entre classes, grupos e sujeitos de uma sociedade. Mas esse seu papel crucial se deve ainda ao fato de que o discurso é objeto de desejo e de poder. Ele não apenas manifesta ou oculta o desejo, mas também é em si mesmo algo desejado. De modo semelhante, ele não apenas encarna e reflete as alianças e os embates sociais, mas também consiste em algo de que queremos nos apoderar³. Nem esse nem qualquer outro desejo se forma e se transforma fora das partilhas materiais das sensibilidades.

Mesmo assim, em larga medida, muitos estudos do discurso consideram-no como algo desafetado, produzido e difundido, recebido e interpretado no exterior dessas partilhas. Trabalhos feitos no campo da argumentação dispensam frequentemente particular atenção às emoções no discurso, mas tendem não raras vezes a reduzi-las a estados “tímidos” e “fáscicos” presentes num texto ou numa interlocução. Por seu turno, conforme já afirmamos, os afetos, as sensações e as sensibilidades não foram e ainda não são um objeto privilegiado pela Análise do discurso. Em que pese o considerável e já mencionado conjunto de seus avanços, as percepções sensoriais e as paixões sociais e subjetivas tiveram importância bastante reduzida no exame da discursividade até muito recentemente. Essa situação ainda não se alterou profundamente.

Por essa razão, lhes consagramos duas edições do **Colóquio Internacional de Análise do Discurso** (CIAD) e a publicação de uma obra coletiva, além de alguns outros estudos e publicações anteriores⁴. Uma vez que essa espécie de lacuna dos estudos do discurso ainda está muito distante de ser preenchida, acreditamos que a **Revista Saridh** pode contribuir para a redução da escassez de reflexões e análises discursivas sobre as relações entre os discursos, os afetos, as sensações e as sensibilidades, mais ou menos articuladas com a produção de sentidos e sujeitos e com a constituição histórica, a formulação simbólica

² Piovezani, Carlos; Alves, Manoel. Discurso. In: Azevedo, Tânia; Flores, Valdir. (org.). *Estudos do discurso: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2024, p. 129.

³ Foucault, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2001, p.10.

⁴ VI Colóquio Internacional de Análise do discurso (VI CIAD), cujo tema foi *Os discursos e as emoções*, realizado entre 26 e 27 de maio de 2021 na UFSCar; VII Colóquio Internacional de Análise do discurso (VII CIAD), cujo tema foi *Discurso, afetos e sensibilidades*, realizado entre 18 e 20 de setembro de 2024 na UFSCar; Piovezani, Carlos; Cucino, Luzmara; Sargentini, Vanice. (org.). *O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, 2024.

e a circulação social dos enunciados dos mais variados campos institucionais, dos mais diversos gêneros do discurso e das mais distintas posições discursivas.

Foi com este intuito que convidamos pesquisadoras e pesquisadores dos estudos do discurso a submeterem seus textos que contemplassem temas, fenômenos e aspectos das relações entre os discursos e as sensibilidades a esta edição da **SARIDH**. Foi com muita satisfação que recebemos e selecionamos um valioso conjunto de artigos de colegas de inúmeras instituições brasileiras e estrangeiras consagrados a essas relações. É com igual satisfação e ainda com grande alegria que lhes ofereceremos aqui à leitura da comunidade de analistas do discurso e a quem mais puder se interessar por diversos encontros entre sensações, sentidos e sentimentos, que se processam na história e na sociedade e que são decisivos na constituição das subjetividades de cada uma e de cada um de nós.